

Hollywood e o Antinazismo norte-americano: a indústria cinematográfica no combate ao regime nazista

Liliane Costa Andrade¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo examinar como se deu a participação de Hollywood durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), tanto no sentido de produzir películas contrárias ao nazismo, como na participação na mobilização de guerra, incluindo a busca por aliados para os Estados Unidos no conflito, a exemplo do Brasil. Para isto, utilizaremos como fontes as revistas brasileiras *Cinearte* (1939-1942) e *A Cena Muda* (1939-1945). Assim, percebemos que a indústria cinematográfica norte-americana atuou de maneira significativa ao longo do conflito, em especial no que diz respeito ao antinazismo, oferecendo importantes contribuições para o combate do regime liderado por Adolph Hitler.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial, Hollywood, filmes antinazistas.

Hollywood and the American Antinazismo: the cinematographic industry in combating the Nazi regime

Abstract: This article aims to examine how the participation of Hollywood during the Second World War (1939-1945), both in the sense of producing films contrary to Nazism and in participating in the mobilization of war, including the search for allies for the United States in the conflict, like Brazil. For this, we will use as sources the Brazilian magazines *Cinearte* (1939-1942) and *A Cena Muda* (1939-1945). Thus, we perceive that the North American film industry acted in a significant way throughout the conflict, especially with regard to anti-Nazism, providing important contributions to combat the regime led by Adolph Hitler.

Keywords: Second World War; Hollywood; anti-Nazi movies.

Artigo recebido em 03/01/2019 e aceito em 10/04/2019

HOLLYWOOD E O ANTINAZISMO NORTE-AMERICANO: A INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA NO COMBATE AO REGIME NAZISTA

LILIANE COSTA ANDRADE

Durante a II Guerra (1939-1945) os Estados Unidos já atuavam como líderes do mercado cinematográfico mundial. Esta realidade foi ocasionada, principalmente, devido às consequências da Primeira Grande Guerra (1914-1918), que afetaram diretamente a produção de importantes indústrias cinematográficas europeias, em especial a francesa.

Foi na França que ocorreu a invenção do cinema, a partir da criação do cinematógrafo^{II} pelos irmãos Lumière, marcada pela exibição do curta-metragem *L'Arrivée d'un train à La Ciotat* (*A chegada do trem na estação*) no salão de um café em Paris no ano de 1895. Foi também um francês, Geroge Méliès (1861-1938), o responsável direto por importantes inovações transformações da atividade cinematográfica^{III}.

O país continuou a investir no novo empreendimento e em 1902 o cinema tornou-se indústria, a partir da produção e distribuição em larga escala promovida por Charles Pathé, que à época ficou conhecido como o maior magnata da indústria cinematográfica mundial, vendendo para o mercado norte-americano, sozinho, o dobro do que vendiam as outras grandes companhias, somadas^{IV}. Porém, com a chegada da Primeira Guerra Mundial, Pathé foi para os Estados Unidos, retornando à França no final de 1917; encontrou um país abalado com os efeitos e conflito e um mercado cinematográfico comprometido com a produção dos estúdios cinematográficos norte-americanos^V.

Misto de arte, tecnologia e entretenimento, o cinema, inicialmente destinado à classe trabalhadora, era visto pelas pessoas mais abastadas como uma forma grosseira, vulgar, coletiva e estúpida de diversão, apropriada apenas para crianças sem acesso à educação e para criaturas ignorantes em geral, sem condições de usufruir das belas-artes^{VI}. Ao longo dos anos, passou-se a se investir mais nas salas de exibição a fim de atrair esse público.

A partir dos aperfeiçoamentos executados, nas décadas de 1930 e 1940 o cinema já era concebido como uma das principais formas de entretenimento para a população de diferentes classes sociais, e os estadunidenses exerciam um domínio com relação à produção fílmica mundial.

Com a II Guerra, porém, a sétima arte adquiriu uma outra importante função. De acordo com o historiador Eric Hobsbawm, o maior conflito do “breve século XX”^{VII} pode ser considerado como uma guerra total^{VIII}, isto é, todos os setores da sociedade atuam de maneira a atender as necessidades impostas pelas batalhas travadas. Nos Estados Unidos, de acordo com Sean Purdy, a luta contra as potências do Eixo demandou uma mobilização ideológica e econômica total^{IX}.

Neste sentido, os meios de comunicação em massa, em especial o cinema, que também era uma forma de diversão, atuaram de forma significativa ao longo da guerra. Conforme Wagner Pinheiro Pereira era preciso incentivar a solidariedade aos aliados e o ódio aos inimigos^X.

Desta forma, produtores hollywoodianos passaram a servir-se dos filmes a afim de espalhar suas ideologias políticas. Com isto durante a Segunda Guerra Mundial o cinema estadunidense tornou-se uma arma político-ideológico na luta para o combate ao regime liderado por Adolph Hitler por meio da produção de filmes denominados antinazistas, que foi iniciada já em 1939.

HOLLYWOOD E O ANTINAZISMO NORTE-AMERICANO: A INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA NO COMBATE AO REGIME NAZISTA

LILIANE COSTA ANDRADE

Confissões de Um Espião Nazista: rumo à forte e eficiente propaganda antinazista

“Hollywood declara guerra!”^{XI}. Foi desta forma que a revista *Cinearte* anunciou aos brasileiros o início da produção do primeiro filme de propaganda antinazista norte-americano. Conforme o texto, a decisão foi após tentativas mal sucedidas por parte de Hollywood em agradar a Hitler, além da ameaça do regime do Terceiro Reich à democracia.

Dessa maneira, *Confissões de um espião nazista* foi lançado pela Warner Brothers em 27 de abril de 1939, mesmo antes da guerra começar^{XII}, e representou um marco na história do cinema hollywoodiano por ter sido o primeiro filme antinazista produzido por um dos grandes estúdios norte-americanos^{XIII}.

A película foi baseada em fatos reais e fala sobre a descoberta e a prisão de um círculo de espionagem nazista nos Estados Unidos. Dentre os protagonistas estão Paul Lukas como o Dr. Kassel, líder da Liga Germano-Americana que organiza a propaganda nazista nos EUA; Frances Lederer no papel de Kurt Schneider, frequentador dos comícios da Liga, onde se torna um espião nazista; e Edward G. Robison interpretando o agente do FBI Edward Renard, responsável pela investigação e desmonte da rede de espionagem^{XIV}.

É válido ressaltar que haviam motivações pessoais e ideológicas por parte dos produtores hollywoodianos que os influenciaram diretamente na confecção deste tipo de filme. Os irmãos Warner, por exemplo, eram judeus^{XV} e em 1936 o representante dos estúdios Warner Brothers em Berlim foi morto pelos nazistas^{XVI}. Certamente, estes pontos foram determinantes para o lançamento de *Confissões de um espião nazista*.

Seguindo a linha ideológica como incentivadora, um outro importante filme antinazista que também merece destaque é *O Grande Ditador*. Dirigido e protagonizado por Charles Chaplin, a película satiriza as ditaduras da Europa bem como seus líderes, em especial o regime nazista e Adolph Hitler.

É relevante destacar, ao falarmos de *O Grande Ditador*, que à época existia um documento que atuava na censura aos filmes produzidos em Hollywood. Elaborado por William Harrison Hays em 1930, o *Código de Hays*^{XVII} estabelecia uma série de normas para a produção fílmica. Assim, a fim de tentar manter longe assuntos políticos, uma das regras proibia a representação de personagens ainda vivos sem o seu consentimento. Logo, ao utilizar-se de sua arte para denunciar o regime nazista e defender suas opiniões, Chaplin desobedeceu às regras da censura através deste que é um dos grandes sucessos de sua carreira.

Após a declaração de guerra dos norte-americanos aos países do Eixo, entretanto, a situação de Hollywood no conflito alterou-se. Assim, o que antes era proibido pela censura, passou a ser incentivado pelo governo. De acordo com Andreza Maynard, o governo entendeu que os filmes mobilizavam a opinião pública sobre a guerra e isso desencadeou uma movimentação sem precedentes para moldar o conteúdo dos filmes produzidos em Hollywood^{XVIII}.

Em 1942, por exemplo, a agência *Office of War Information* (OWI), criada para auxiliar os produtores hollywoodianos no sentido de trazer informações à população sobre a guerra, impôs um Manual para a Indústria fílmica. Dentre os pontos que deveriam constar nas

HOLLYWOOD E O ANTINAZISMO NORTE-AMERICANO: A INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA NO COMBATE AO REGIME NAZISTA

LILIANE COSTA ANDRADE

películas estavam: o porquê de os Estados Unidos estarem lutando; quem eram os inimigos contra qual lutavam, bem como sua natureza; quais países formavam as nações unidas que buscavam combater o Eixo; necessidade do esforço de homens e mulheres no trabalho para a produção de artigos indispensáveis para manter a guerra; o que os americanos deveriam fazer dentro do país; além da dramatização com relação aos heróis que foram para a frente de batalha.

A mobilização de Hollywood, porém, não ficou restrita apenas aos filmes, fossem eles antinazistas ou qualquer outro que envolvesse a Segunda Guerra em sua trama. Diversos artistas e diretores, de forma individual, também participaram do esforço necessário para a vitória dos aliados no conflito.

Em 1942, a revista *A Cena Muda* comunicava que Douglas Fairbanks Jr. estava servindo na guarnição de um destroyer na Islandia, enquanto James Stewart servia ao exército, e o diretor John Ford havia se incorporado à marinha^{XIX}. Já o astro Clack Gable havia se oferecido para servir num corpo de aviação, onde foi aceito^{XX}.

Douglas Fairbakns Jr. chegou a declarar que “não estava pensando no cinema, pois naquele momento era mais importante servir à pátria e ganhar a guerra; e era isto que estava procurando fazer com entusiasmo”^{XXI}. Além destes, outros artistas hollywoodianos serviram na mobilização de guerra, de forma mais indireta.

À época foram organizados festivais para os que se alistavam e partiam para as batalhas. Vários astros e estrelas de Hollywood marcavam presença a fim de motivar os soldados, além de trabalharem na arrecadação de dinheiro para os gastos no conflito. Alguns, inclusive, se vestiam com os uniformes oficiais; conforme Andreza Maynard, a atitude destes atores deveria servir de inspiração aos demais^{XXII}.

E ao que parece, houve uma relação de reciprocidade entre Hollywood e a Guerra. Conforme a crítica da revista *A Cena Muda*, o conflito também trouxe contribuições para a indústria cinematográfica norte-americana. Em texto publicado no dia 11 de maio de 1943, intitulado *O Cinema e a Guerra Total*, o periódico afirmou que “Hollywood deixou de ser a terra da fantasia, da mentira dourada, do sonho, para converter-se nessa arma poderosa, eficiente e nobre que estamos vendo, numa arrancada viril contra o inimigo comum”^{XXIII}. Além disso, um leitor da revista que teve seu texto publicado ressaltava a importância da guerra para Hollywood, dando destaque às produções dos filmes antinazistas^{XXIV}. A partir disto é possível perceber que além de ajudar no esforço que se fazia necessário mediante o conflito, os estúdios hollywoodianos também foram beneficiados por ele.

Assim, mesmo diante das dificuldades de acesso a matérias-primas impostas pela guerra, Hollywood conseguiu manter seu ritmo de produção. Com isto, no dia 22 de junho de 1943 *A Cena Muda* noticiava:

A guerra ainda não conseguiu, apesar de todas as restrições e racionamentos, quebrar o entusiasmo e o ritmo de produção dos estúdios cinematográficos de Hollywood. Trabalha-se, atualmente, com a mesma regularidade que nos tempos idos de paz^{XXV}.

Este é mais um indício da importância dos filmes, não apenas na mobilização em prol da guerra, mas também como uma forma de entretenimento para a população e, conseqüentemente, uma boa fonte de renda para os Estados Unidos durante o conflito. E

HOLLYWOOD E O ANTINAZISMO NORTE-AMERICANO: A INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA NO COMBATE AO REGIME NAZISTA

LILIANE COSTA ANDRADE

apesar das restrições de alguns países europeus às produções de Hollywood, a indústria dominava os cinemas de outros com suas películas.

A perda de mercados na Europa fez com que os Estados Unidos voltassem ainda mais sua atenção sobre os países sul-americanos, em especial o Brasil^{XXVI}. Isso porque, como destacado pela revista *Cinearte* “O Brasil continua o melhor mercado para o film americano”^{XXVII}; a pouca produção nacional contribuiu para esta realidade. À época, de acordo com Edmundo Lys em texto publicado nesta mesma revista, os espectadores de cinema no Brasil só apreciavam filmes norte-americanos; quando se tratava de películas nacionais ou europeias, havia uma tendência à rejeição.

Desta forma, houve um empenho por parte dos Estados Unidos em estreitar ainda mais as relações com o Brasil. Os norte-americanos buscavam maiores mercados, além de aliados na luta contra o nazismo; havia também um interesse em manter a influência e o controle sobre todo o continente americano a fim de evitar que a guerra atingisse tal território. Neste sentido, a Política Externa de Boa Vizinhança promovida pelo governo do então presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt (1882-1945) teve um papel primordial e Hollywood, mais uma vez, contribuiu de forma decisiva para o bom desempenho desta proposta.

A atuação de Hollywood e a *Política Externa de Boa Vizinhança* no Brasil

A Política de Boa Vizinhança vigorou durante todo o mandato do presidente Franklin Delano Roosevelt, de 1933 a 1945. Tratava-se de uma estratégia encontrada pelos norte-americanos de manter um bom relacionamento com os países da América Latina. A ideia era manter um domínio sobre o continente americano sem precisar empregar o uso da força.

Dessa maneira, a iniciativa possuía como principais objetivos recuperar a economia estadunidense devido aos efeitos da recente Crise de 1929; combater o antiamericanismo presente nos outros países da região, a partir da difusão do *American Way of Life* (*Estilo de vida americano*); e conter a presença da Alemanha nazista na América do Sul.

Com isto, a Política de Boa Vizinhança atuou de forma a incentivar a solidariedade no continente americano a fim de afastar a influência não só do nazismo como também do fascismo, além de consolidar os EUA como a grande potência e como o modelo a ser seguido.

Ademais, após o início da Segunda Guerra Mundial havia uma preocupação por parte dos estadunidenses de que o conflito chegasse até o continente; para evitar que isto ocorresse era preciso que houvesse uma colaboração entre os países que compunham as Américas e as estratégias da Política de Boa Vizinhança também atuaram nesse sentido.

Assim, em 1940 foi criado o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), comandado por Nelson Rockefeller (1908-1979). O órgão ficou encarregado de garantir e ampliar as bases das relações comerciais entre as Américas e, posteriormente, regular, desenvolver, redistribuir, organizar e selecionar projetos de aproximação cultural entre os EUA e os Sul-Americanos^{XXVIII}

Dentre as divisões que o OCIAA possuía, a de Imprensa e Publicações tinha como objetivo difundir informações positivas sobre os EUA e contra-atacar a propaganda do Eixo. De acordo por Antônio Pedro Tota, cultura e propaganda passaram a ser materiais tão

HOLLYWOOD E O ANTINAZISMO NORTE-AMERICANO: A INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA NO COMBATE AO REGIME NAZISTA

LILIANE COSTA ANDRADE

estratégicos como qualquer outro produto^{XXIX}. E dentre as ferramentas propagandísticas utilizadas, havia uma atenção especial de Rockefeller na aplicação do cinema^{XXX} quando se tratava de Política de Boa Vizinhança no Brasil.

Devido a sua posição estratégica, voltada para o Oceano Atlântico, e ao fato de ser um produtor de importantes matérias-primas, além de um dos principais mercados para os norte-americanos, o Brasil representava um dos mais importantes países da América do Sul para que a Política funcionasse.

Sendo assim, Hollywood mais uma vez atuou de maneira hábil pra atender aos interesses do governo norte-americano. Os estúdios cinematográficos bem como os artistas desenvolveram no período iniciativas para que houvesse uma maior aproximação e interação entre os EUA e o Brasil.

Em 1941 o produtor executivo da 20th Century Fox, Sol Wurtzel (1890-1958), visitou o Brasil após cinco meses fazendo um tour pela América Latina. Um dos objetivos da viagem foi conhecer os gostos e cenários naturais dos países latino-americanos, a fim de produzir filmes sobre estes.

No mesmo ano, o ator Douglas Fairbanks Jr., escolhido por Roosevelt para ser o embaixador da Política de Boa Vizinhança também veio ao Brasil. Na oportunidade, o artista hollywoodiano foi recepcionado pelo presidente brasileiro Getúlio Vargas.



Figura 1: Getúlio Vargas recebendo Douglas Fairbanks Jr.

Fonte: *A Cena Muda*, n. 1052, maio de 1942, p.3

De acordo com a revista *A Cena Muda*, uma das divulgadoras deste encontro, por meio de uma crônica intitulada *O Amável Embaixador*, apesar de geograficamente próximos, os países sempre estiveram em contato maior com a Europa. Porém, com a guerra, o periódico defendia a necessidade de estas Nações se conhecerem mais a fundo, salientando a importância da visita de Fairbanks^{XXXI}, que em uma de suas entrevistas declarou que o cinema seria utilizado como uma das grandes forças no sentido de aproximar cada vez mais o povo deste continente^{XXXII}.

HOLLYWOOD E O ANTINAZISMO NORTE-AMERICANO: A INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA NO COMBATE AO REGIME NAZISTA

LILIANE COSTA ANDRADE

Outros atores hollywoodianos também estiveram no Brasil no período; conforme noticiado pela *Cinearte* em maio 1941, “Clark Gable, Tyrone Power, Errol Flynn, vieram despreocupadamente gosar o clima, a paisagem e as novidades – para eles um tanto silvestres – da América do Sul”^{XXXIII}. A revista faz questão de salientar a diferença da vinda destes astros, por diversão e passeio, com a de Douglas Fairbanks Jr., como embaixador da Boa Vizinhança. Porém, mesmo com objetivos distintos a iniciativa destes atores evidencia o empenho de Hollywood em colaborar com a proposta do governo estadunidense, que se intensificou com o início da Segunda Guerra Mundial.

O oposto também ocorreu; à época a cantora Carmem Miranda foi aos EUA trabalhar em alguns filmes produzidos pela 20th Century Fox. Com isto, Carmem passou a ser uma das principais representantes do Brasil e do povo brasileiro no país vizinho.

No campo cinematográfico, o principal resultado da relação de boa vizinhança entre os Estados Unidos e o Brasil foi o filme *Alô, Amigos!* (1942). A película foi produzida pelos estúdios Disney e o próprio Walt Disney esteve a frente de sua idealização. Também no ano de 1941 o produtor foi enviado à América Latina pelo OCIAA para criar personagens animados.

Como representante do Brasil Disney criou o papagaio José Carioca, que ficou conhecido como Zé Carioca. No filme *Pato Donald* é um americano médio em visita o Brasil, onde é bem recepcionado por Zé Carioca; os dois tornam-se amigos e se entendem apesar dos idiomas. O papagaio possui penas verdes e amarelas, que remetem ao Brasil, e azul e vermelho, que remetem aos EUA, reforçando assim a solidariedade entre os dois países. Assim, ao vir ao país vizinho, Pato Donald encontra um amigo, algo valioso, em quem podia confiar^{XXXIV}.



Figura 2: cartaz de divulgação do filme *Alô, Amigos!* (Walt Disney, 1942)

Fonte: < <https://filmow.com/alo-amigos-t12000/>>. Acesso em fev. 2019.

A produção foi um sucesso tanto entre o público brasileiro como entre os norte-americanos e selou a atuação do cinema norte-americano na Política de Boa Vizinhança, que foi extremamente importante para os Estados Unidos no contexto da Segunda Guerra

HOLLYWOOD E O ANTINAZISMO NORTE-AMERICANO: A INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA NO COMBATE AO REGIME NAZISTA

LILIANE COSTA ANDRADE

Mundial, na medida em que conquistou o apoio necessário do governo brasileiro durante o conflito, consolidado com a saída do Brasil da condição de neutralidade no conflito quando este cortou as relações com Eixo e declarou total apoio aos estadunidenses após a ataque a Pearl Harbor.

Conclusão

Durante a Segunda Guerra Mundial os meios de comunicação foram amplamente utilizados pelos envolvidos no conflito. Por meio do emprego destes era possível justificar e legitimar as ações praticadas, fazer propaganda contra os inimigos, além de incentivar a população para que esta colaborasse com o esforço necessário para o êxito na guerra.

Desta forma, Hollywood atuou de maneira intensa durante a II Guerra a fim de contribuir para o sucesso dos norte-americanos no conflito; isto ocorreu por meio do empenho dos artistas em se envolver de forma direta e indireta nas questões relacionadas à guerra, servindo assim como exemplo e inspiração à população; e por meio de produções fílmicas.

Dentre as produções desenvolvidas, destacam-se as que faziam propaganda contrária ao regime nazista, que teve como pontapé inicial o filme *Confissões de um espião nazista* (1939). Ademais, a indústria cinematográfica norte-americana também atuou de maneira importante no que diz respeito à busca por aliados, a exemplo do Brasil. Portanto, consideramos que a participação de Hollywood na Guerra foi fundamental para a vitória dos EUA e, conseqüentemente, para o combate do nazismo.

Notas

^I Mestranda em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ). Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). E-mail: liliane.costaandrade@outlook.com. Orientador: Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard (DHI/UFS)

^{II} O Cinematógrafo, criado em 1895 pelos irmãos Lumière, era uma caixa de madeira equipada com uma lente em sua parte dianteira e uma manivela do lado direito. Além de leve e compacta, a caixa era, ao mesmo tempo, filmadora, copiadora e projetor. Cf. SABADIN, Ceslo. **Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997, p. 48.

^{III} Para saber mais ver: SABADIN, Ceslo. Méliès. O início do show. In.: **Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997, p. 61-68.

^{IV} SABADIN, Ceslo. Pathé. O Cinema vira indústria. In.: **Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997, p. 73.

^V Os anos de 1909 a 1918 marcaram a criação de grandes estúdios norte-americanos. Dentre eles estão Universal, Paramount, Fox, United Artists e Columbia. Cf.: SABADIN, Ceslo. 1908-1918. Começam a surgir os grandes estúdios norte-americanos. In.: **Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997, p. 103-126.

^{VI} SEVCENKO, Nicolau. Máquinas, massas, percepções e mentes. In.: **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 59-93.

^{VII} Esta foi uma definição dada pelo próprio Hobsbawm, que se justifica pelo fato de, para este historiador, o século XX ter se iniciado com a Primeira Guerra Mundial (1914) e ter terminado com a queda da União Soviética (1991).

^{VIII} Para saber mais ver: HOBBSAWM, Eric J. E era da guerra total. In.: **A Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo: Cia Das Letras, 2008, p. 29-60.

^{IX} PURDY, Sean. O século americano. In.: KARNAL, Leandro (Org.). **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 221.

HOLLYWOOD E O ANTINAZISMO NORTE-AMERICANO: A INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA NO COMBATE AO REGIME NAZISTA

LILIANE COSTA ANDRADE

^x PEREIRA, Wagner Pinheiro. O arsenal da democracia: Hollywood e a Segunda Guerra Mundial. In.: **O poder das imagens: cinema e política nos governos de Adolph Hitler e de Franklin D. Roosevelt (1933-1945)**. São Paulo: Editora Alameda, 2012, p. 609.

^{xi} Revista Cinearte. n. 513, p. 34, jun. 1939.

^{xii} A Segunda Guerra Mundial teve início no dia 03 de setembro de 1939, após a Inglaterra e a França declararem guerra à Alemanha em decorrência da invasão à Polônia pelas tropas nazistas dois dias antes.

^{xiii} MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013, p. 158.

^{xiv} Para saber mais ver: MAYNARD, Andreza Santos Cruz. “Cartaz de hoje”: filmes antinazistas em Aracaju. In.: **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013, p. 156-205.

^{xv} O regime do Terceiro Reich possuía como uma de suas bandeiras o antissemitismo. De acordo com Adolph Hitler e seus seguidores, os judeus pertenciam a uma raça impura e eram os responsáveis pelas mazelas da Alemanha. Assim, desde a sua ascensão ao poder, em 1933, os nazistas passaram a perseguir e exterminar a comunidade judaica, tanto a que vivia na Alemanha como a dos países invadidos. Estima-se que entre 4 e 6 milhões de judeus foram assassinados durante o período em que o partido nazista esteve no poder. Este genocídio ficou conhecido como Holocausto. Para saber mais ver: EVAN, Richard. A solução final. In.: **O terceiro reich em guerra: como os nazistas conduziu a Alemanha da conquista ao desastre (1939-1945)**. Tradução: Lúcia Brito e Solange Pinheiro. São Paulo: Planeta, 2012, p. 255-327.

^{xvi} CRUZ, Andreza Santos. Dr. Win The War: Hollywood e a Propaganda de Guerra Americana. In: Dilton Cândido Santos Maynard; Andreza Santos Cruz Maynard. (Orgs.). **Visões do Mundo Contemporâneo** vol. 2. 1ed. São Paulo: LP-Books, 2013, p. 108.

^{xvii} Ibidem, p.105.

^{xviii} Ibidem, p. 107

^{xix} Revista A Cena Muda. n. 1090, p. 28, fev. 1942.

^{xx} Revista A Cena Muda. n. 1111, p. 9, jun. 1942.

^{xxi} Revista A Cena Muda, n. 1130, p. 4, nov. 1942.

^{xxii} CRUZ, Andreza Santos. Dr. Win The War: Hollywood e a Propaganda de Guerra Americana. In: Dilton Cândido Santos Maynard; Andreza Santos Cruz Maynard. (Orgs.). **Visões do Mundo Contemporâneo** vol. 2. 1ed. São Paulo: LP-Books, 2013, p. 101

^{xxiii} Revista A Cena Muda. n. 19, p. 3, mai. 1943.

^{xxiv} Revista A Cena Muda, n. 15, p. 9, abr. 1943.

^{xxv} Revista A Cena Muda. n. 25, p. 6, jun. 1943.

^{xxvi} Esta situação ocasionou o aumento considerável dos preços das entradas de cinema no Brasil, como uma forma de compensar os prejuízos dos estúdios norte-americanos. Revista A Cena Muda, n. 514, p. 4, jul. 1939.

^{xxvii} Revista Cinearte. n. 519, p.7, set. 1939.

^{xxviii} MORAES, Isaias Albertin. Política e cinema na era da boa vizinhança (1933 - 1945). *História e Cultura*, Franca, v. 4, n. 1, p. 277 - 301, mar. 2015, p. 285.

^{xxix} TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 53.

^{xxx} ^{xxx} Havia no OCIAA uma divisão dedicada apenas à sétima arte, a Motion Picture Division (MPD), que tinha como responsável John Hay Whitney. Suas funções eram: promover a produção americana de filmes, curtas e longas, e de cinejornais sobre os Estados Unidos e as “outras Américas”, distribuindo-os por todo o hemisfério ocidental, isto é, para as Américas; produzir e estimular a produção, nos países latino-americanos, de curtas e cinejornais que poderiam ser exibidos nos Estados Unidos; combater por todos os meios o cinema produzido pelo Eixo; convencer as grandes empresas cinematográficas de que não era uma boa política distribuir filmes que transmitissem uma má impressão ou uma imagem comprometedoras dos Estados Unidos. Cf.: TOTA, Antonio Pedro. Uma verdadeira “fábrica de ideologias”: office of the coordinator of inter-american affairs. In.: **O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 65.

^{xxxi} Revista A Cena Muda. n. 1052, p. 3, mai. 1941.

^{xxxii} Revista Cinearte. n. 547, p. 44, mai. 1941.

^{xxxiii} Revista Cinearte. n. 557, p. 5, mai. 1941.

HOLLYWOOD E O ANTINAZISMO NORTE-AMERICANO: A INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA NO COMBATE AO REGIME NAZISTA

LILIANE COSTA ANDRADE

^{xxxiv}MAYNARD, Andreza Santos Cruz. O uso político dos personagens Disney e a propaganda Brasil/Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. In.: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge (Orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p. 745-766.

Referências Bibliográficas

CATELLI, Rosana Elisa. A revista Cinearte e o projeto de modernização cultural pelo cinema. **ALCEU**, v. 13, p. 123 a 134, jul./dez. 2012.

EVANS, Richard. A solução final. In.: **O terceiro reich em guerra: como os nazistas conduziu a Alemanha da conquista ao desastre (1939-1945)**. Tradução: Lúcia Brito e Solange Pinheiro. São Paulo: Planeta, 2012, p. 255-327.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Tradução Flavia Nascimento. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo: Cia Das Letras, 2008.

KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2013.

_____. Dr. Win The War: Hollywood e a Propaganda de Guerra Americana. In: Dilton Cândido Santos Maynard; Andreza Santos Cruz Maynard. (Org.). **Visões do Mundo Contemporâneo vol. 2**. 1ed. São Paulo: LP-Books, 2013, v. 2, p. 101-117.

_____. “A Segunda Guerra Mundial nas telas : análise de filmes no Nordeste brasileiro (1939-1945)”. *DIACRONIE* [Online], N° 17, 1, 2014.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos; MAYNARD, Andreza Santos Cruz (Orgs.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

MORAES, Isaias Albertin. Política e cinema na era da boa vizinhança (1933 – 1945). *História e Cultura*, Franca, v. 4, n. 1, p. 277 – 301, mar. 2015, p. 285.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. O arsenal da democracia: Hollywood e a Segunda Guerra Mundial. In.: **O poder das imagens: cinema e política nos governos de Adolph Hitler e de Franklin D. Roosevelt (1933-1945)**. São Paulo: Editora Alameda, 2012, p. 609-645.

SABADIN, Celso. **Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. Máquinas, massas, percepções e mentes. In.: **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 59-93.

**HOLLYWOOD E O ANTINAZISMO NORTE-AMERICANO: A INDÚSTRIA
CINEMATOGRAFICA NO COMBATE AO REGIME NAZISTA**

LILIANE COSTA ANDRADE

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge (Orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Fontes

Revistas

A CENA MUDA. Rio de Janeiro, 1939-1945.

CINEARTE. Rio de Janeiro, 1939-1942.